

# Metáforas de percepção de semelhanças entre domínios científicos e não-científicos na terminologia do petróleo

*Metaphors for perceiving similarities between scientific and non-scientific domains in petroleum terminology*

Theciana Silva Silveira\*

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

**RESUMO:** O presente texto tem como objetivo analisar as metáforas de percepção de semelhanças entre domínios científicos e não-científicos na terminologia do petróleo no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especificamente em Angola, Brasil e Portugal. Para tanto, toma como base o viés cognitivo da metáfora, de Lakoff e Johnson (2015), o prisma comunicativo e sociocognitivo da Terminologia, de Cabré (1999) e Temmerman (2000), respectivamente. Considera-se como fonte de dados a única obra terminográfica em língua portuguesa sobre o petróleo, intitulada *Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás*, que abrange as três variedades do português dos países supracitados. Por meio das análises, pode-se observar, por meio da metáfora, como se processa e se organiza o conhecimento do universo do petróleo, e que esse fenômeno não se resume a um recurso estilístico, mas a um processo mental em que se estrutura um conceito a partir de outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terminologia. Metáforas de domínio. Petróleo.

**ABSTRACT:** This text aims to analyze the metaphors of perception of similarities between scientific and non-scientific domains in petroleum terminology in the Community of Portuguese-Speaking Countries (CPLP) space, with a special focus on Angola, Brazil, and

---

\* Doutora em Linguística, com ênfase em Análise e Processamento Automático de Línguas Naturais (PLN), pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui graduação em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas Respectivas Literaturas pela UFMA. Atualmente, é Professora Adjunta do Departamento de Letras, da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. É pesquisadora dos projetos Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), da UFBA e do projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA). Desenvolve pesquisas em Língua Portuguesa e Linguística, atuando, principalmente, nas seguintes áreas: Sociolinguística, Lexicologia e Terminologia. E-mail: [theciana.silveira@ufma.br](mailto:theciana.silveira@ufma.br)

Portugal. To do so, it is based on the cognitive bias of metaphor, by Lakoff and Johnson (2015), the communicative and sociocognitive prism of Terminology, by Cabré (1999) and Temmerman (2000), respectively. The only terminographic work on oil in Portuguese on oil, entitled *Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás*, which covers the three varieties of Portuguese in the aforementioned countries, is considered as a source of data. Through the analyses, it can be observed, through metaphor, how knowledge of the oil universe is processed and organized, and that this phenomenon is not limited to a stylistic resource, but to a mental process in which a concept is structured from another.

**KEYWORDS:** Terminology. Domain metaphors. Petroleum.

## **Introdução**

É notório o grande número de trabalhos que versam sobre os estudos terminológicos, esse campo fecundo evidencia em suas pesquisas diferentes perspectivas, suscitando reflexões no que tange às suas divergências e convergências no modo de pensar e analisar a Terminologia, que passa do caráter prescritivo e normalizador até sua face mais comunicativa e cognitivista, compreendida como objeto de investigação baseado na Linguística. O mesmo ocorre com a metáfora, que deixa de ser vista como um recurso puramente estilístico, poético e passa a ser considerada como fenômeno categorizador do pensamento.

Seguindo esse novo prisma, entendemos a metáfora como recurso cognitivo fundamental na organização, na categorização e na nomeação das entidades presentes no mundo, seja no cotidiano ou nos contextos mais específicos, como nos universos especializados. Desse modo, este trabalho objetiva analisar as metáforas de percepção de semelhanças entre domínios científicos e não-científicos na terminologia do petróleo no espaço da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, especificamente em Angola, Brasil e Portugal.

Para melhor compreensão, organizamos este trabalho da seguinte forma: (i) seção 2 – *Metáfora e Terminologia: algumas considerações* –, em que apresentamos considerações acerca da metáfora e da Terminologia, dando ênfase à visão cognitiva; (ii) seção 3 – *Caminhos metodológicos* –, no qual delineamos as etapas seguidas para

tratamento, seleção e organização dos dados; e, (iii) seção 4 - *Análises das metáforas de percepção de semelhanças entre domínios científicos e não-científicos* –, em que tratamos das análises propriamente ditas. Ademais, apresentamos as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas neste texto.

## **1 Metáfora e Terminologia**

### ***1.1 Algumas considerações acerca da metáfora***

Os avanços epistemológicos trouxeram para o estudo da metáfora o prisma cognitivo. Sob esse prisma, a metáfora se constitui como um fenômeno do pensamento que expressa tudo aquilo que experienciamos por meio de categorias. Em outras palavras, considera-se a linguagem como algo inseparável do conteúdo cognitivo dos indivíduos, que antes era vista como recurso poético, imagético e retórico, na visão clássica dos estudos metafóricos. Nessa direção, Berber-Sardinha (2007, p. 169) afirma que “a metáfora deixou de ser uma figura de linguagem para ser um processo estruturador do pensamento”.

É nessa linha de pensamento que Lakoff e Johnson (2015) abordam esse fenômeno, com base na Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), a qual revolucionou os estudos acerca da metáfora, entendendo-a, por meio de análises de diversas expressões metafóricas, como um fenômeno inerente ao pensamento, uma vez que ela está presente no nosso cotidiano, dos contextos mais triviais aos mais importantes de nossas vidas.

Essa teoria surge como uma revolução nos estudos da metáfora, refutando a visão tradicional, e objetiva compreender a metáfora como um recurso que existe para além da linguagem, fazendo parte não somente do sistema linguístico, mas também do nosso sistema conceitual, presente em nosso pensamento. Para Lakoff e Johnson (2015, p. 39<sup>1</sup>),

(...) a metáfora permeia o cotidiano, não só a linguagem, mas também o pensamento e a ação. Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza.

---

<sup>1</sup> (...) *la metáfora impregna la vida cotidiana, no solamente el lenguaje, sino también el pensamiento y la acción. Nuestro sistema conceptual ordinario, en términos del cual pensamos y actuamos, es fundamentalmente de naturaleza metafórica.*

A metáfora entendida como um fenômeno pode ser vista desde a sua dimensão cognitiva até sua dimensão linguística. Nesse sentido, partimos da máxima preconizada por Lakoff e Johnson (2015, p. 41) que afirmam que “a essência da metáfora é entender e experimentar um tipo de coisa em termos de outra”<sup>2</sup>; em outras palavras, a metáfora conceitual é um fenômeno cognitivo, no qual um domínio é representado conceitualmente em termos de outro. Segundo esse raciocínio, Lakoff e Johnson (2015) propõem uma relação sistemática entre dois domínios: (i) domínio-fonte e (ii) domínio-alvo. O primeiro é a *fonte*, pois é a origem da estrutura conceitual que inferimos; já o segundo é o *alvo*, meta ou destino, o local de aplicação das inferências.

É com base nessa relação sistemática que compreendemos o papel fundamental da metáfora para a conceituação de novas realidades, é o que acontece nos domínios técnicos-científicos.

## ***1.2 A metáfora na Terminologia***

Por um largo período, não só a metáfora foi vista sob um prisma tradicional, mas os próprios estudos terminológicos também o foram. Isso ocorreu devido ao fato de que a vertente tradicional da terminologia, notadamente a Teoria Geral da Terminologia (TGT), preconizada por Eugen Wüster (1998), buscava precisão denominativa e conceitual, ansiando por uma linguagem mais objetiva e sem ruído na comunicação. A metáfora não era desconhecida por esse estudioso de cunho normativista, apenas não era considerada nessa visão tradicional.

As reformulações desses ideais resultaram em novas abordagens, considerando, então, a dimensão linguística na Terminologia, que gerou novos postulados, abrangendo os fenômenos da língua, entendendo-os como fundamentais na descrição da realidade terminológica, como a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que tem como principal representante Maria Teresa Cabré (1999). Assim, fenômenos como a metáfora, a polissemia, a sinonímia passam a ser considerados intrínsecos também ao universo especializado. Seguindo essa linha de raciocínio, Martins destaca:

---

<sup>2</sup> (...) *La esencia de la metáfora es entender y experimentar un tipo de cosa en términos de otra.*

O fenômeno da metáfora na linguagem científica não se caracteriza por uma baixa frequência de ocorrência, antes apresenta-se como um componente dominante na linguagem humana. De facto, as expressões figurativas atravessam o discurso científico, principalmente nas fases iniciais do desenvolvimento de uma determinada disciplina e em períodos de pesquisa intensa, entre as quais se destacam as metáforas. (MARTINS, 2003, p. 131)

É com base nessa perspectiva que a TCT defende que o termo deve ser entendido nas dimensões linguística, cognitiva e social. Com isso, esses fenômenos passam a ser considerados e valorizados como parte do discurso especializado.

Com o advento da Linguística Cognitiva (doravante LC) e suas contribuições no estudo da metáfora, começou-se a pensar na necessidade de reposicionar o entendimento a respeito do papel das metáforas no universo especializado. Notadamente, a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) ocupou-se em analisar a realidade terminológica sob o viés cognitivo; para tanto, Rita Temmerman (2000) dedica um capítulo inteiro de sua obra *Towards new ways of terminology description: the sociocognitive approach*<sup>3</sup> para tratar dos modelos metafóricos. Nesse texto, ela faz uma retomada dos postulados tradicionais, tecendo críticas a respeito desses ideais que buscavam distanciar a metáfora do universo terminológico, para apresentar um novo modelo pautado no papel central da metáfora nas áreas de especialidade. A autora desenvolve sua proposta por meio da descrição e da análise no âmbito da genética, e discute de que forma o raciocínio metafórico deixa seus traços na linguagem. Ela afirma que, nessa abordagem, “(...) a metáfora é vista como um fenômeno em que categorização, pensamento analógico, criatividade e expressão linguística se encontram” (TEMMERMAN, 2000, p.160<sup>4</sup>). Essa visão da metáfora é consoante ao que Lakoff e Johnson (2015) já haviam sinalizado na TMC.

É com base nas reflexões dessas perspectivas comunicativas/cognitivas que realizamos nossas análises. Cabe salientar que não buscamos utilizar um modelo teórico único para que se encaixe neste trabalho, mas a partir desses modelos encaminhar nossas análises conforme nossos objetivos, levando em conta o *corpus* lexicográfico com o qual trabalhamos, o qual detalharemos na próxima seção.

---

<sup>3</sup> Rumos a novos caminhos de descrição terminológica: a abordagem sociocognitiva.

<sup>4</sup> “*In these definitions metaphor is seen as a phenomenon in which categorization, analogical thinking, creativity and linguistic expression meet*”.

## 2 Caminhos metodológicos

Iniciamos este trabalho tomando como referência a obra terminográfica impressa intitulada *Dicionário do petróleo em língua portuguesa: exploração e produção de petróleo e gás* (doravante DP), organizado por Eloi Fernández y Fernández, Oswaldo A. Pedrosa Junior e António Correia Pinho. Esse dicionário foi resultado de uma colaboração entre Angola, Brasil e Portugal, os três principais países produtores de petróleo no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Escolhemos essa obra por tratar-se do primeiro dicionário (e único, ao menos até agora) de petróleo em língua portuguesa, com a vantagem de incluir três variedades do português.

Para que a obra pudesse receber qualquer tratamento computacional, era necessário que estivesse em formato digital. Para isso, o dicionário foi desmontado, para que todas as páginas pudessem ficar dispostas uniformemente na mesa de digitalização. O equipamento utilizado foi uma máquina multifuncional (copiadora e scanner) disponível na gráfica da UFSCar. Para a revisão da qualidade de digitalização, foi utilizado o programa ABBYY FineReader. Tanto a digitalização quanto a revisão foram realizadas por Clarissa Galvão Bengtson<sup>5</sup>.

Após essa digitalização, o arquivo passou por um tratamento computacional. Esse tratamento consistiu na conversão do texto para o formato XML, de modo a permitir a inserção de etiquetas que indicassem todas as entradas em português, os equivalentes em inglês e o restante do verbete. Esse formato XML possibilitou a posterior transformação da totalidade do dicionário numa grande planilha Excel. Toda a parte computacional foi desenvolvida por José Pedro Ferreira, do CELGA-ILTEC (Portugal).<sup>6</sup>

Assim, os materiais com os quais de fato trabalhamos neste texto foram: o DP impresso, o DP digitalizado em PDF e a planilha Excel. De posse desses materiais, iniciamos a etapa de identificação e seleção dos termos a serem analisados.

---

<sup>5</sup> Pesquisadora que atua na Secretaria de Educação a Distância (SEaD), na UFSCar.

<sup>6</sup> Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada da Universidade de Coimbra (Portugal) e Instituto de Linguística Teórica e Computacional. Ambos as unidades se fundiram em 2015 e têm como atividades centrais a pesquisa e a criação de recursos linguísticos. Mais informações podem ser obtidas em <http://celga.iltec.pt/>.

Como forma de ilustrar de maneira mais didática as análises das metáforas, elaboramos mapas que apresentam as relações de similaridade entre domínios. Para tanto, utilizamos o *MindMeister* – ferramenta *online* de mapeamento mental que permite a criação/edição de mapas mentais – que nos ajudou no processo de criação desses mapas.

Apresentamos, nas análises, as metáforas formadas por termos de diferentes domínios. Para tanto, explicamos o processo de formação metafórica dos termos, por meio de mapas de relações de semelhanças entre domínios, em que o DOMÍNIO-FONTE está relacionado ao termo genérico, podendo ter apenas Significado Geral (SG) ou Significado Especializado (SE) e/ou Significado Geral e Significado Especializado (SGSE), e o DOMÍNIO-ALVO, relacionado ao termo especializado da área do petróleo, SE.

Utilizamos, ainda, o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009) e o Dicionário do Petróleo (2009) como fonte lexicográfica de busca das acepções dos termos a serem analisados para, então, poder estabelecer as relações de similaridade entre os domínios. Como já mencionado na seção anterior, é importante frisar que trabalhamos com *corpus* lexicográfico e não textual.

Vale destacar, também, que as acepções apresentadas de SG, quando se trata do significado geral, a definição não tem nenhuma sinalização; já quando se trata do significado especializado, utilizam-se rubricas para marcar o domínio científico. Nas acepções, há destaques em vermelho, verde e roxo, esses realces servem para ajudar o leitor a identificar os traços que aproximam o domínio-fonte do domínio-alvo; em se tratando do uso de cores diferentes, elas são responsáveis por diferenciar os traços conceituais destacados em uma mesma acepção, pois podem apresentar mais de um traço em comum entre os domínios.

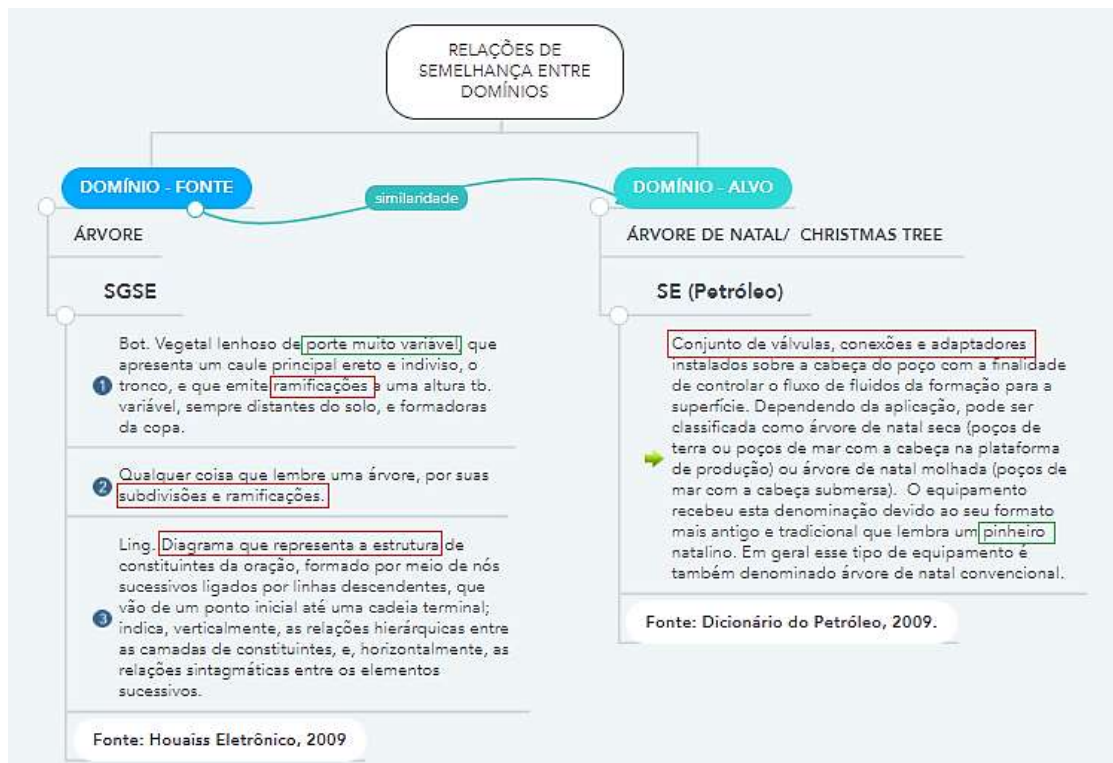
Feitos os esclarecimentos, seguimos para as análises propriamente ditas das seguintes metáforas: *árvore*, *planta*, *canhão*, *célula* e *híbrido*.

### **3 Análises das metáforas de percepção de semelhanças entre domínios científicos e não-científicos**

#### **3.1 *Árvore***

O termo *árvore* foi o mais produtivo na conformação de metáforas entre domínios, com 25 ocorrências, dentre elas, podemos destacar: *árvore de natal*, *árvore de natal submarina* (Ang.), *árvore de natal seca*, *árvore de pistoneio*, *árvore de decisão*, *árvore de falhas*. Vejamos as Figuras 1 e 2:

**Figura 1. Relações de semelhança entre domínios *árvore de natal* (Petróleo) e *árvore* (SGSE)**



Fonte: autora

**Figura 2. *árvore de natal***



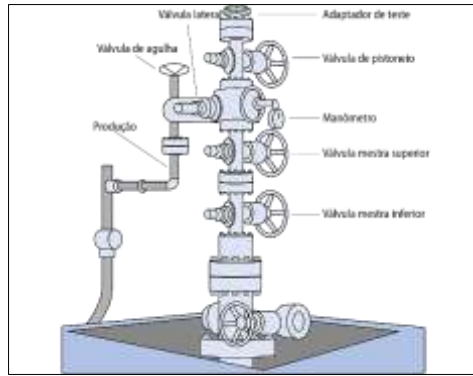


Na Figura 1, ao analisarmos as relações de semelhanças entre os domínios, no que tange ao SGSE, selecionamos três acepções que possuem semelhança com a acepção registrada no domínio do petróleo. Em todas elas, é possível associar o traço relacionado à *forma* na constituição da metáfora, como destacado em “ramificações, subdivisões, diagrama que representa a estrutura” que se assemelham ao “conjunto de válvulas, conexões e adaptadores”, ilustrado na Figura 2, em que temos a árvore de natal no domínio do petróleo. Convém destacar que, para além de *árvore*, há também o registro de *árvore de natal*, no Houaiss, em sua versão *on-line*, em que temos a rubrica *Petr.*; embora haja o uso especializado registrado no dicionário, é possível, por meio da própria definição do DP e de outras obras dessa área, entender o processo metafórico que motivou a nomeação dessa entidade.

O termo *árvore de natal*, do domínio do petróleo, também é utilizado na língua comum, diferentemente de outros termos já apresentados. O elemento mais geral do sintagma é *árvore* e o termo *natal* é o mais específico, configurando a ideia de que não é apenas uma árvore qualquer, mas a que é utilizada no natal para colocar enfeites. A *árvore de natal* empregada no universo do petróleo toma-se semelhante a essa *árvore de natal*, conhecido como pinheiro, pois, como podemos ver na Figura 2, assim como o pinheiro, a *árvore de natal* tem a base maior e o topo com menor circunferência.

Vale destacar que, no próprio DP, no registro desse termo, é apresentada a motivação dessa metáfora, quando informa que o equipamento (árvore de natal) “recebeu esta denominação devido ao seu formato mais antigo e tradicional que lembra um pinheiro natalino”. Gauto (2016) afirma que “O termo *árvore de natal* surgiu na década de 1930, quando moradores de províncias petrolíferas terrestres dos Estados Unidos fizeram a associação do equipamento coberto de neve a um pinheiro natalino”. Na Figura 3, podemos observar a semelhança da estrutura da *árvore de natal* (petróleo) com a *árvore de natal* (pinheiro), em que há a base da árvore, uma estrutura e válvulas. Essas válvulas lembram os enfeites da árvore, bem como suas ramificações.

**Figura 3. Componentes da *árvore de natal***



Fonte: GAUTO (2016, s/p)

O termo ora analisado é um dos poucos cuja definição apresenta a motivação de sua nomeação.

### 3.2 Planta

Para a metáfora de domínio *planta*, registramos 14 termos, dos quais destacamos *planta de adsorção*, *planta de absorção*, *planta criogênica*, *planta de desidratação*, *planta de gás*. Analisemos as relações de semelhança entre *planta* e *planta de adsorção*.

Figura 4. Relações de semelhança entre domínios *planta de adsorção* (SE) e *planta* (SG)



Fonte: autora

Vale mencionar que, toda vez que a variedade do Brasil registra o primeiro elemento do sintagma como *planta*, a variedade de Portugal registra *instalação*, nesse caso, os termos usados como sinônimos para cada um dos termos destacados neste item são: *instalação de adsorção* (Port.), *instalação de absorção* (Port.), *instalação criogênica* (Port.), *instalação de desidratação* (Port.) e *instalação de gás* (Port.).

Quando pensamos na variedade de Portugal para estabelecer as relações de semelhanças entre domínio-fonte e domínio-alvo, podemos observar que a variedade de Portugal apresenta o termo mais descritivo, porque, literalmente, está relacionado à “colocação dos objetos necessários a determinado trabalho ou empreendimento, incluindo-se a conexão de aparelhos”, definição esta retirada do DH. Ao pensarmos em *planta*, podemos associar ao sentido de terreno, plantação, plantio, ou seja, ao local onde existem plantas, similar ao local/terreno em que estão instaladas as torres de adsorção, como podemos ver na Figura 5. O conjunto de torres que são responsáveis pelo sistema de processamento e gás no qual ocorre a adsorção pode ser considerada, metaforicamente, uma plantação.

**Figura 5 - Torre de instalação de adsorção**



Fonte: <https://betaeq.com.br/index.php/2020/10/15/processo-de-adsorcao-principais-caracteristicas-e-aplicacoes/> (acesso em 24 abril 2021)

Embora ambos os termos – *instalação* e *planta* – remetam a um mesmo referente, podemos afirmar que evidenciam traços diferentes, o que configura uma visão particular que determinados falantes têm em relação à entidade, a tudo aquilo que o rodeia, seja na

linguagem do dia a dia, seja em contextos altamente especializados, como é o caso do *petróleo*.

### 3.3 *Canhão*

Em se tratando da metáfora de domínio, *canhão*, relacionada ao equipamento que contém cargas explosivas, registramos termos como *canhão*, *canhão de ar*, *canhão para revestimento* (Ang), *canhão de alta densidade*, *válvula de bloqueio do canhão lançador*, *canhão de ar terrestre*.

Vale destacar que nem todos os termos com o elemento *canhão* estão relacionados a essa acepção, isso acontece porque estamos trabalhando com três variedades do português. Dos 11, nove possuem similaridade com o domínio do *armamento* e *serralheria*, os outros dois termos – *preenchimento de canhão* (Port.) e (Ang.) e *canhão submarino* – estão relacionados a *canhão/canyon* que, segundo o DP, é o vale profundo em um platô ou área montanhosa, de paredes íngremes e relativamente próximas, também conhecido por *cânion*. Para as variedades de Portugal e Angola, *canhão* é sinônimo de *cânion* e não um termo cujo significado está relacionado à acepção que desejamos analisar. Desse modo, o conceito trabalhado nesta análise é de *canhão/casing gun*, como podemos observar na Figura 6.

**Figura 6. Relações de semelhança entre domínios *canhão* (SE) e *canhão* (SE)**



Fonte: autora

Conforme as relações de similaridade de *canhão* (SGSE e Petróleo), podemos observar de maneira evidente traços presentes em ambas as acepções relacionadas à forma. Embora a acepção de *canhão* no universo do petróleo tenha outra finalidade, a metáfora é evidenciada no formato das peças, equipamentos em forma de cano, ou seja, com estrutura cilíndrica. Esse traço aproxima os conceitos analisados, podendo transitar em diferentes universos.

Para exemplificar de maneira mais clara, analisaremos a metáfora *canhão de ar*, que além do traço *forma*, tem similaridade com o domínio-fonte no traço *função*. Vejamos as Figuras 7, 8 e 9.

**Figura 7. Relações de semelhança entre domínios *canhão de ar* (SE) e *canhão* (SE)**



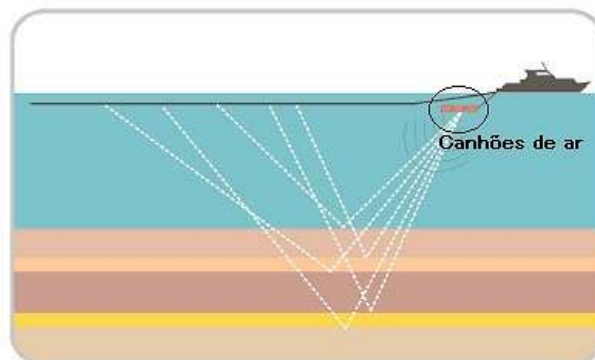
Fonte: autora

**Figura 8. *canhão de ar comprimido***



Fonte: <http://petroleo21.blogspot.com/2013/09/pesquisa-sismica-dos-pocos-de-petroleo.html> (acesso em 24 abr. 2021)

**Figura 9. Operação de pesquisa sísmica dos poços de petróleo**



Fonte: <http://petroleo21.blogspot.com/2013/09/pesquisa-sismica-dos-pocos-de-petroleo.html> (acesso em 24 abr. 2021)

De acordo com as acepções apresentadas, é possível identificar traços que aproximam os conceitos de *canhão* (SGSE) e *canhão de ar* (Petróleo). Assim como em *canhão*, no exemplo anterior, fica evidente que a relação de similaridade é percebida por meio do formato cilíndrico do *canhão*, ou seja, a metáfora é motivada pela *forma*, como podemos ver na Figura 8. Entretanto, em *canhão de ar*, a relação de similaridade entre domínio-fonte e domínio-alvo também pode ser motivada pela *função*.

Ainda com base nas acepções apresentadas, *canhão* é utilizado para fazer lançamentos de explosivos, enquanto *canhão de ar* serve para liberar ar comprimido, sobretudo no mar. Essa liberação de ar se assemelha a um lançamento de *canhão (arm.)*, como podemos ver, na Figura 9, o processo de lançamento do ar comprimido para o fundo do mar, gerando as ondas sísmicas.

Como extensão do traço *função*, podemos inferir ainda que a força e a velocidade foram características fundamentais para tal associação. Na acepção trazida pelo dicionário do petróleo, são apresentados dados de pressão (entre 2.000psi e 5.000psi) e tempo (inferior a 0,1s), os quais nos remetem automaticamente ao poder/força do armamento bélico *canhão* usado para atingir alvos distantes, logo um *canhão de ar* possui força/poder em pouco tempo, sendo altamente eficaz para atingir o fundo do mar, produzindo ondas sísmicas para novas descobertas de reservas de óleo e gás.

### 3.4 Célula

Em se tratando da metáfora célula, registramos seis ocorrências, são elas: *célula*, *célula de carga*, *célula de filtração com agitação*, *célula de filtração HPHT*, *célula galvânica* e *célula voltaica*. Observemos as relações de similaridade da metáfora *célula* na Figura 10.

**Figura 10. Relações de semelhança entre domínios *célula* (SE) e *célula* (SE)**



Fonte: autora

Nas relações de similaridade de *célula*, é possível destacar a definição presente no DH, com rubrica *Bio.*, em que evidenciamos o traço “unidade microscópica”. Esse traço ligado ao *tamanho* da *célula* tem relação com o que é empregado no universo do petróleo, pois a *célula*, no contexto da biologia, está presente nos seres vivos, já em relação ao petróleo está presente na *malha*<sup>7</sup>, sendo caracterizado como subdomínios menores dessa malha. Em outras palavras, a *célula* é uma unidade menor que compõe uma determinada entidade, seja ela no âmbito da biologia, seja no do petróleo.

Vale destacar que, embora estejamos trabalhando com o SE, e não com SG, isso não quer dizer que não haja metáfora, até porque muitos desses termos não têm acepção geral apresentada no Houaiss, apenas com marcação de rubrica, o que nos leva a acreditar que esses termos foram constituídos nos universos de especialidade e transitam entre outros universos por suas relações de similaridade.

### 3.5 Híbrido

<sup>7</sup> Estrutura de discretização espacial particionando um domínio (1D, 2D ou 3D) em uma quantidade de subdomínios menores, chamados células, para fins de modelagem numérica (FERNANDEZ *et. al.*, 2009, p. 287)



Para a metáfora *híbrido*, encontramos *migração híbrida*, *riser híbrido*, *riser híbrido autossustentável*. Na Figura 11, apresentamos a relação de similaridade.

Figura 11. Relações de semelhança entre domínios *híbrido* (SE) e *híbrido* (SE)



Fonte: autora

Nessa relação de semelhança, é possível observar traços que relacionam esses dois universos especializados. *Híbrido*, termo da genética, é utilizado no universo do petróleo. Isso é possível porque, ao relacionar traços, o falante consegue observar aquilo que é comum. No primeiro, *genética*, trata-se de um organismo formado pelo cruzamento de dois elementos diferentes, seja progenitores, raças, linhagens; já no universo do petróleo, *híbrido*, é um sistema composto por duas partes de materiais diferentes: 1) *riser* rígido e 2) *riser* flexível. Com isso, é possível inferir que a relação de similaridade se dá pelo traço de *formação*, em que esse sistema *riser* se comporta como um organismo e é formado por dois elementos, assim como na *genética*.

## Considerações finais

O presente texto teve como objetivo analisar metáforas da terminologia do petróleo, no espaço da CPLP, com base na percepção de semelhanças entre domínios

científicos e não-científicos, pautados sob o prisma cognitivo tanto da metáfora quanto da Terminologia, que proporcionou uma melhor compreensão da realidade terminológica.

Com base nas análises, podemos observar que a metáfora é um recurso por meio do qual podemos organizar nosso pensamento e conhecimento, e que não se resume a um recurso estilístico, mas a um processo mental em que se estrutura um conceito a partir de outro.

Sintetizando, podemos afirmar que:

- A metáfora é um processo cognitivo por meio do qual uma série de domínios conceituais são compreendidos em termos de outros domínios;
- É possível transferir os modelos de inferência do DOMÍNIO-FONTE para o DOMÍNIO-ALVO;
- Ao investigar as relações de semelhanças de domínios das metáforas da terminologia do petróleo, foi possível perceber a forte presença das metáforas nesse universo que, apesar de ser considerado altamente especializado em seu repertório terminológico, envolve termos que são facilmente encontrados na língua corrente, tendo como base o SG, e em outros domínios científicos (SE), com o qual estabelecemos relações de similaridade, comprovando que as metáforas estão presentes no cotidiano e são utilizadas pelos falantes de forma natural.

## REFERÊNCIAS

BERBER-SARDINHA, T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 1999.

FERNÁNDEZ, E. F.; PEDROSA JUNIOR, O. A.; PINHO, A. C. **Dicionário do petróleo em língua portuguesa**: Exploração e produção de Petróleo e Gás, uma colaboração Brasil, Portugal e Angola. Rio de Janeiro: Lexikon: PUC – Rio, 2009.

GAUTO, M. Produção de petróleo e gás. In: GAUTO, Marcelo (Org.). **Petróleo e gás**: princípios de exploração, produção e refino. Porto Alegre: Bookman, 2016.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Tradução de Carmem Gonzáles Marín. Madrid: Ediciones Cátedra, 2015.

MARTINS, C. S. N. **A metáfora na Terminologia**: análise de metáforas terminológicas em textos jurídicos do ambiente. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2003.

TEMMERMAN, R. **Towards New Ways of Terminology Description. The sociocognitive approach**. Philadelphia: John Benjamins, 2000.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y terminografía terminológica**. Traduc. María Teresa Cabré. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada – Universitat Pompeu Fabra, 1998.